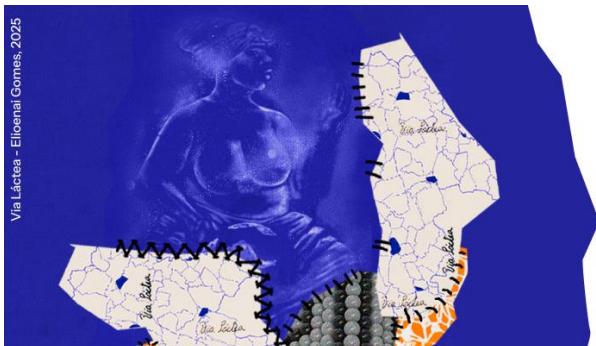




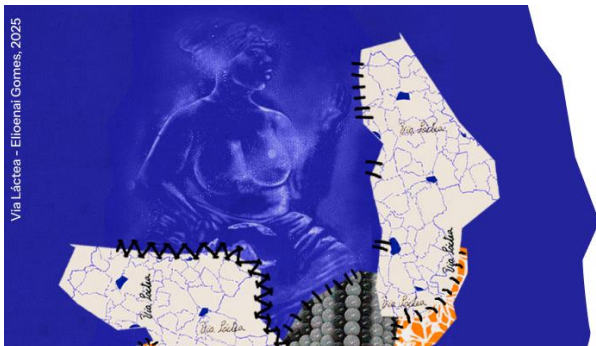
MEMÓRIAS SOBRE O ENSINO DE ARTE: NARRATIVAS DE ESTUDANTES DA LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

Sonia Tramuja Vasconcellos¹ – UNESPAR

No contexto da formação de professores de artes visuais, a discussão sobre a história do ensino de arte no Brasil faz parte do conteúdo formativo e as diversas publicações de Ana Mae Barbosa, entre outros autores, auxiliam na construção de percursos históricos e epistemológicos no campo do ensino de arte. Este resumo expandido abarca o relato de uma experiência pedagógica na disciplina de Fundamentos e metodologias do ensino das artes visuais em uma instituição pública e estadual de ensino superior. Essa ação de mediação com os estudantes tem acontecido nos últimos anos, sendo que o foco deste relato é o ano de 2024. Com base em autores que discutem narrativas de si, narrativa bibliográfica (Nóvoa, 1995; Delory-Momberger, 2016; Passeggi, 2021) e história como memória (Bosi, 1994), coleto no início da disciplina um relato de cada estudante, preferencialmente manual, sobre as marcas do ensino de arte em sua trajetória de vida, abarcando o espaço formal e outras memórias relacionadas ao ensino de arte.

Este saber autobiográfico é um saber singular na qual as fontes de informações são as narrativas individuais e o conjunto de interações com o mundo social que esses processos envolvem (Delory-Momberger, 2016). Ciente de que a produção de narrativas é composta por movimentos de seleção, organização e síntese, o meu interesse é conhecer o que marcou nas trajetórias desses estudantes e que noções elaboraram sobre o ensino de arte para, na operacionalização da disciplina, realizar

¹Professora da Universidade Estadual do Paraná/UNESPAR, atuando como docente e coordenadora de estágio na Licenciatura em Artes Visuais do Campus de Curitiba II/FAP. Colíder do Grupo de pesquisa Arte, Educação e Formação Docente (UNESPAR/CNPq), participante do Grupo de estudo e pesquisa em Arte e Docência/ArteVersa (UFRGS/CNPq) e do Bordas Coletivo.



cruzamentos com a apresentação e discussão da história e das mudanças de enfoque, de paradigma, no campo do ensino e da formação de professores de arte.

As narrativas, em um primeiro momento, se tornam um momento de imersão da professora da disciplina nas peculiaridades da seleção feita pelos estudantes. Algumas narrativas são mais extensas, outras se debruçam em uma situação, mas em geral o momento de leitura desses trabalhos é impactante, envolvendo interação e intimidade com o pensamento do/da estudante e que transforma a mediação educativa, a relação docente-discente.

Figura 1 – trabalho sobre memórias escolares realizado por uma estudante da graduação em 2024

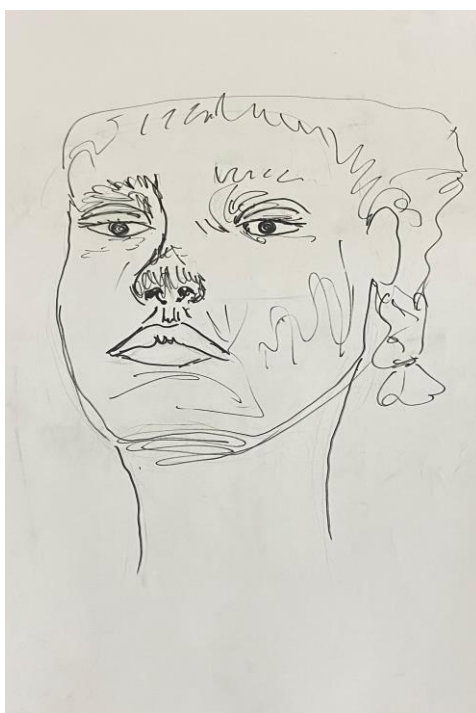


Fonte: A autora.

Os registros revelam relações com a família, percepções sobre métodos de ensino, de avaliação e dos conteúdos apresentados, assim como as especificidades na formação de professores. As situações específicas propiciam debates, formulação de suposições sobre o que se avalia nos exercícios propostos, a subjetividade dos alunos, os aprendizados realizados e o contexto de formação e de trabalho das professoras e professores de arte. Várias situações são remetidas para os dias de

hoje, trazendo discussões sobre o ensino explícito (Gauthier; Bissonnette; Richard, 2014), se de fato tornarmos explícito o que é implícito, explicando os objetivos da aprendizagem, da proposta solicitada e o que a avaliação valora e o que descarta.

Figura 2 – um dos vários desenhos que a estudante da graduação realiza até os dias atuais, 2024



Fonte: A autora.

Ao narrar sobre as aulas de arte, a estudante comenta que no começo da adolescência realizou uma atividade de autorretrato na aula de arte. “ Não lembro de ter feito um antes disso e na época não significou muito para mim” (estudante da graduação, 2024), mas depois essa atividade foi percebida por ela como um exercício de autorreflexão, de como nos vemos, como reagimos ao ter que nos observar. Ela recorda que sentiu dificuldade e recomeçou várias vezes e hoje continua a fazer autorretratos como modo de refletir sobre si e sobre muitas coisas. E completa: “Percebo que há uma conexão entre a atividade e o impulso que tenho hoje de

continuar essa proposta. (...) E que coisa bonita de se pedir para uma criança fazer um autorretrato; de a presentear com essa ferramenta”.

Essa atividade, por vezes associada ao uso correto de proporções, à uma representação mais formalista, para a estudante foi um exercício de se olhar, de se conhecer, ainda que essa percepção tenha sido tardia, o que mostra que alguns conteúdos e formas de expressão possuem graus distintos de assimilação, de compreensão (e de esquecimento) ao longo do tempo.

Em outra narrativa histórica, a estudante destaca algumas situações e uma atividade realizada no ensino médio:

Durante o ensino fundamental, lembro de pouca coisa das aulas de arte. No ensino médio, esse cenário de poucas memórias se repete, visto que só tive aula de arte no primeiro ano, porém minha professora tentava de todos os modos apresentar da melhor maneira os conteúdos relacionados aos períodos artísticos. Uma das atividades que eu gostava não estava diretamente relacionada ao fazer, mas sim à análise de obras. Até então não tinha entendido que estudar arte ia além de estudar técnicas, envolvendo a análise de períodos históricos, sociais e culturais (estudante da graduação, 2024).

Há uma distinção entre o aspecto geral de mudança do ensino modernista – com ênfase na expressão e na individualidade – para o pós-modernista, com a inserção de imagens, de obras de arte, pela via da contextualização (Barbosa, 1996, 2008), com a vivência dessas aulas. O relato da estudante materializa uma mudança paradigmática no ensino de arte e outros modos de conexão com os códigos da arte.

Essas situações, partícipes das histórias escolares dos estudantes, auxiliam na construção de significados sobre a formação docente, sobre a seleção de conteúdos e modos de ensinar, visto que a leitura e a interpretação das narrativas possibilitam novos acessos ao modo como se produz sentido ao que é apresentado e discutido na disciplina. E este é um dos principais objetivos dessa experiência de ensino: afetar e ser afetado pelas histórias singulares de cada estudante e que transformam os modos de percepção do que é discutido sobre a história do ensino de arte no Brasil.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Ensino da arte: memória e história*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

DELORY-MOMBERGER, Christine. A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) biográfica*, Salvador, v. 1, n. 1, p. 133-147, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/rbpab/article/view/2526>. Acesso em: 8 abr. 2025.

GAUTHIER, Clermont; BISSONNETTE, Steve; RICHARD, Mario. *Ensino explícito e desempenho dos alunos: a gestão dos aprendizados*. Petrópolis: Vozes, 2014.

NÓVOA, Antonio (Org.). *Vida de professores*. Porto: Porto Editora, 1995.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Reflexividade narrativa e poder auto(trans)formador. *Práxis Educacional*, Vitória da Conquista, v. 17, p. 1-21, 2021. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/apraxis/v17n44/2178-2679-apraxis-17-44-93.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2025.